

## A Questão do Masoquismo Originário<sup>1</sup>

### The Question of the Originary Masochism

Roaldo Naumann Machado<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo o estudo do masoquismo originário. Baseia-se, portanto, nas idéias de Freud, principalmente as referidas no "Problema Econômico do Masoquismo". Encontra-se o presente trabalho dividido em quatro capítulos. O primeiro refere-se a Empédocles, o filósofo pré-socrático citado por Freud. O segundo, bem como o terceiro, procura aprofundar o tema do masoquismo, principalmente baseado na teoria freudiana. Finalmente como conclusão são referidas algumas situações clínicas com fins de ilustrar a teoria.

**Summary:** This paper aims at studying the originary masochism. It is based, therefore, on Freud's ideas, mainly the ones mentioned in the "Economic Problem of Masochism". The present paper is divided in four chapters. The first one refers to Empedocles, the pre-Socratic philosopher mentioned by Freud, the second, as well as the third, try to deepen the masochism subject, mainly based on the Freudian theory. Finally, as a conclusion, some clinical situations are mentioned to illustrate the theory.

**Descritores:** Empédocles, sado-masoquismo, Eros, dor, desprazer, projeção, qualidade e quantidade.

**Keywords:** Empedocles, sad-masochism, Eros, pain, displeasure, projection, quality and quantity.

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado em março de 2003.

<sup>2</sup> Psiquiatra, Analista Didata da SPPA.

James Strachey, na sua introdução ao *Problema Econômico do Masoquismo* (Freud 1924c), resume como o conceito de masoquismo foi se modificando dentro da obra freudiana. Primeiramente concebido apenas como a transformação de um sadismo anterior (Freud 1900a, 1905d, 1915c, 1919e), foi se alterando para a hipótese de um masoquismo primeiro; isto é, o *masoquismo erógeno originário* como foi denominado na obra referida acima (Freud 1924c). A introdução de alguns conceitos foi de fundamental importância para a alteração nomeada. Assim, as noções de libido de objeto e libido narcisista em constante transformação, a nova teoria pulsional - onde as pulsões de vida e de morte encontram-se fusionadas das mais diferentes maneiras - foram os alicerces básicos para que o novo conceito adquirisse o estatuto metapsicológico.

### **Empédocles**

Freud em duas ocasiões referiu-se explicitamente ao filósofo pré-socrático: Em *Análise Terminável e Interminável* (1937c) e no *Esquema de Psicanálise* (1940a). E porquê recorreu ao antigo filósofo? Talvez a resposta seja dada pelo próprio Freud quando no texto referido acima (1937c p228), assim se expressa:

*"Sem um especular e um teorizar - estive quase a ponto de dizer: fantasiar - não se dá nenhum passo adiante".*

Pois é exatamente sobre este fantasiar que incide nossa atual especulação: O quê em Freud despertou o pensar do velho filósofo e no que tal filosofar tem a ver com os assuntos propostos do masoquismo e das pulsões de vida e de morte e, porquê não do narcisismo?

*"Ninguém poderá prever sob que vestimentas o núcleo de verdade da doutrina de Empédocles haverá de mostrar-se através de uma inteligência posterior" (1937c p248).*

Assim Freud encerra sua breve digressão sobre o pensador de Agrigento. Sua inserção no pensamento de Freud ocorre após se perguntar no cap VI sobre a origem de determinadas resistências à cura psicanalítica. Divaga sobre duas propriedades fundamentais da libido: *viscosidade e mobilidade*. Em casos extremos parece que tais propriedades se confundem. Assim como uma excessiva viscosidade impede ao Eu de desfazer determinados investimentos de objeto em

prol de outros, criando uma condição de inércia psíquica, também a excessiva mobilidade libidinal demonstra efeito parecido, o novo conquistado rapidamente se desfaz e se tem a impressão de "se *haver escrito sobre a água*" (Freud 1937c p243). O raciocínio de Freud desemboca no "*enigmático problema do masoquismo*" (Freud 1920g p14) e sua relação com as duas pulsões básicas: a pulsão de agressão ou destruição cuja origem encontra-se na pulsão de morte e em Eros, a pulsão de vida. O fenômeno humano poderia, de uma forma um tanto quanto simplificada, ser conduzido a uma mistura de tais pulsões. Freud refere-se, então, a Empédocles e à ação dos dois princípios fundamentais eternamente em luta, o *φιλια* (*amor*) e a *νειχοζ* (*discórdia*), unindo e desfazendo o enlace dos quatro elementos básicos: água, fogo, ar e terra.

Segundo Ferrater Mora, fragmentos de duas obras do filósofo chegaram ao nosso conhecimento. São elas, "*Acerca da Natureza*" e "*As Purificações*". Tendências científicas e materialistas aparecem misturadas a tendências místicas. Os nomes divinos dos quatro elementos básicos (Nestis, Zeus, Hera, Edoneu) seriam a evidência de tal fato. Porém, o fundamental, segundo afirma Empédocles, é que

*"Há apenas mistura e separação do misturado, mas não nascimento, que é uma simples maneira de dizer dos homens"* (p819).

Outro fato importante, de acordo com Gaarder é que, pela primeira vez, aparece clara a distinção entre *elemento* e *força*, esta última tão importante para Freud na sua teorização sobre as pulsões; isto é, as que suscitam trabalho para o anímico. Vejamos outros aspectos do pensamento de Empédocles:

Duas são, portanto, as forças que misturam os quatro elementos básicos. São alternadamente denominadas de

*Amor e Ódio, Bem e Mal, Ordem e Desordem, Construção e Destruição.*

No começo, o predomínio absoluto era do *Amor*. A intervenção do *Ódio* possibilitou a origem das coisas e das individualidades. A diversidade possui suas conseqüências, pois, se levada ao seu extremo, culmina com a separação absoluta e o domínio completo do mal. *Ódio e Amor absolutos se confundem porque em ambos os estados, a diversidade das coisas particulares deixa de existir*. Assim, os estados se confundem por uma mistura perfeita onde a individualidade deixa de existir, mistura esta comparada a uma esfera, também chamada de

Deus. E é exatamente esta perfeição que se encontra na origem do mundo e no seu término.

No Esquema de Psicanálise (1940a) - mais exatamente no cap II - Freud faz novamente menção ao filósofo grego. Discute as metas básicas de Eros e da pulsão de destruição, sendo que à primeira, isto é, à pulsão de amor, cabe a integração e criação de novas unidades e à segunda, cabe a desintegração das mesmas. Freud acrescenta, porém, que tais pulsões se combinam das mais diversas maneiras. Exemplos disto estariam no ato de comer com a conseqüente incorporação do objeto e no ato sexual, onde uma dose de agressão se faz necessária para o estabelecimento de uma união mais íntima. Eros, através da libido, neutraliza as inclinações de destruição, simultaneamente presentes, sem deixar de fazer uso das mesmas em benefício da vida. A atuação da pulsão de morte dentro do organismo é silenciosa, tornando-se audível para nós através do alarido da pulsão de destruição. Um estudo ainda não publicado (Machado, 2003), baseado na teoria freudiana, propõe que *a angústia é a expressão primeira da presença de Eros*. Sua presença indicaria esta projeção primária fundamental, onde o interno busca o externo como modo de operacionalizar a criação do espaço psíquico representacional. O sistema muscular é extremamente importante para que ocorra esta derivação tão fundamental para a conservação da vida.

*"Uma parte de destruição de si permanece no interior, sejam quais forem as circunstâncias, até que ao final consegue matar o indivíduo, talvez quando a libido deste se consumiu ou se fixou de uma maneira desvantajosa" (Freud 1940a p148).*

Juntamente com os temas da *mobilidade* e *fixação* da libido, Freud se refere ao *narcisismo primário absoluto*, expressão esta aparecida em poucas ocasiões. Refiro-me aqui ao texto "*Complemento Metapsicológico à Doutrina dos Sonhos*" (1917d), onde o assunto é trazido em relação ao sono e ao desinvestimento das representações que faz o Eu retornar a um "*narcisismo absoluto*", à "*Inibição, Sintoma e Angústia*" (1926d), onde por ocasião do nascimento o feto nota uma grande perturbação de sua economia narcisista, prelúdio de elevados investimentos de órgãos e de objetos e à "*Mal Estar na Cultura*" (1930a) onde aparece formulado como "*narcisismo irrestrito*". Pois bem, é neste contexto que Freud refere-se a Empédocles.

Onde, portanto, poderíamos introduzir o pensamento do filósofo de Agrigento? O *Ódio* é necessário para a constituição das individualidades, para a ruptura desta esfera absoluta de narcisismo. Sem a introdução desta grande perturbação da economia narcisista que

traz sua marca na expressão nostálgica da fantasia primária de retorno ao ventre materno (Freud 1918b, 1926d), ato este de desconstituição de uma unidade narcísica primordial, a reconstituição de novas unidades se faz impossível e a libido permanecerá ligada de uma forma extremamente desvantajosa para a conservação da vida. Trata-se do *masoquismo erógeno original* ou como também denomina Freud, de um *sado-masoquismo primordial* onde o Eu é destruído através da silenciosa atuação da pulsão de morte.

Note-se, novamente, a importância da presença da angústia como sinal da ruptura desta unidade primeira de narcisismo absoluto. Assim, esta mistura que introduz a descontinuidade é fundamental para a constituição das individualidades desde o pensamento de Empédocles. Sem este ato primordial ficaríamos sem a possibilidade de constituir o mundo representacional, isto é, sem a possibilidade de viver. Talvez seja este um novo viés pelo qual a verdade da teoria de Empédocles se faça notar.

### **Retornando ao tema do masoquismo**

Para aprofundarmos um pouco sobre a questão do masoquismo, penso podermos levar em conta a sugestão de Freud (1924c) de que pouco conhecemos dos mecanismos fisiológicos pelos quais se processaria esta neutralização da pulsão de morte pela libido. Para tanto, devemos levar em conta o fenômeno psicossomático. Freud no seu "*Projeto de Psicologia*" (1950a) sugere que das várias vias de descarga da estimulação do sistema  $\psi$ , isto é, o *sistema representacional que contém os registros psíquicos formadores da memória*, uma delas se dá através dos chamados "*neurônios chaves*", isto é, *aqueles que possuem conexão com o interior do organismo*. Nesta situação a produção de substâncias químicas pelos referidos neurônios provocaria a excitação das vias endógenas. Em algumas circunstâncias, esta excitação não encontraria a via progressiva que se transforma em aquisições psíquica como postula a teoria das pulsões (Freud 1950a, 1915c). Nestas situações funcionaria como um sistema de retro-alimentação positiva, fabricando mais substâncias químicas e mais estímulos endógenos. Estaríamos diante de uma incapacidade projetiva primordial, pois sabemos (Pribam e Gill p49) que, desde as contribuições clássicas de Tannon (1927, 1929),

*"Os processos neuroquímicos e neuroendócrinos foram concebidos como consistentes sobre tudo de mecanismos homeostáticos de retro-alimentação negativa e não positiva... Só quando tais mecanismos escapam do*

*controle, quando a sincronização da retro-alimentação fica desalinhada, ocorrem oscilações e interrupções como resultado de retro-alimentação positiva”.*

Ora não estaríamos exatamente numa situação de desvantajosa forma de fixação libidinal por incapacidade projetiva de formação das representações psíquicas?

Podemos, portanto, supor que a retro-alimentação positiva se constitui

*“No genuíno masoquismo erógeno... testemunho e resto daquela fase de formação em que aconteceu o enlace, tão importante para a vida, entre Eros e pulsão de morte” (Freud 1924c p170).*

Uma das propostas deste trabalho, não original de minha parte, é de que, naquelas situações denominadas de enfermidades tóxicas (Maldavsky 1996), além de outros fatores, ocorre este desalinhamento descrito do mecanismo de retro-alimentação negativa, com deficiência dos *registros da ação específica* e das *vivências de satisfação e desprazer*.

Freud (1905d) nos propõe que a *dor* possa ser alinhada à *repugnância* e à *vergonha* como mecanismos de defesa. É claro, não a dor traumática, isto é, a dor que desconstitui os sistemas de registros (Freud 1950a), e sim a dor constituída como sinal. Processo semelhante é descrito por Freud na constituição da angústia como *sinal* e *defesa* (1926d). Entretanto, Freud em 1924 (c p168), baseado nos seus “*Três Ensaios para uma Teoria Sexual*” (1905d), propõe uma nova forma de ligar qualquer estímulo dentro do nosso organismo. Assim se refere:

*“A excitação sexual se gera como efeito colateral de uma grande série de processos internos; para isto basta que a intensidade destes ultrapasse certos limites quantitativos. Talvez no organismo não ocorra nada de certa importância que não ceda seus componentes à excitação da pulsão sexual. Segundo isto, também a excitação da dor e do desprazer teria esta conseqüência... **Em todo caso isto proporcionaria a base fisiológica sobre a qual se erigiria depois, como superestrutura psíquica, o masoquismo erógeno”.***

Como perfeitamente assinala Maldavsky (1986), Freud examina duas situações nas quais prevaleceria o modelo masoquista. A primeira seria constituída por uma *incapacidade projetiva* da dor e do *investimento erógeno* do referido estímulo. A dor ficaria assim

entronizada dentro do Eu. Seria parte constituinte da maneira de ser do Eu. Numa outra situação (Freud 1905d, 1926d), o desinvestimento da zona dolorida ocorreria por estímulos dolorosos ou prazerosos em outra região da pele, em especial da pele das nádegas. Assim,

*“No caso de uma dor na periferia interior, um estímulo na periferia exterior, na pele, por exemplo, pode servir de suporte para uma redistribuição de investimentos... Nestas situações o desvio de atenção deve ser provido por uma estimulação administrada desde os assistentes da criança; logo pode converter-se em um processo intrapsíquico autônomo” (Maldivsky, 1986 p54).*

O importante é notar que em ambas situações o processo projetivo fracassa, impossibilitando que a dor e o desprazer se constituam em mecanismos de defesa. Lembremo-nos também que Freud traça um paralelismo entre dor física e dor psíquica (1926d) como já foi assinalado em outro trabalho (Machado, 2003). Assim a incapacidade projetiva, com o conseqüente não reconhecimento do objeto alógeno e a impossibilidade de derivar para este objeto tais impulsos agressivos, torna o Eu vulnerável exatamente a estes mesmos impulsos, agora revestidos do gozo masoquista.

Talvez seja de interesse lembrar a clássica experiência (Guyton 1977), na qual eletródios são colocados no encéfalo de macacos, nos núcleos ventromediais do hipotálamo e feixe prosencefálico medial (centros de recompensa e prazer) e o animal, esquecendo-se de se alimentar, estimula o eletródio até 7000 vezes por hora, correndo sério risco em sua autoconservação. Assim, nas situações descritas por Freud, um estímulo que poderá ser endógeno ou exógeno, no qual estão incluídos a dor e o sofrimento, poderá sofrer, pelo mecanismo descrito de retro-alimentação positiva, uma excitação contínua com risco de desestruturação do Eu. No dizer de Freud, esta situação caracterizaria uma *incessante hemorragia de libido* (1950a, Manuscrito G), ao mesmo tempo empobrecedora do Eu e incapaz de ligar o estímulo de uma forma vantajosa, exatamente pela falta do aspecto projetivo.

A dor e o sofrimento não se constituem como mecanismos de defesa; trata-se de intensas excitações revestidas de prazer:

*Uma paciente psicossomática, duas vezes infectada de tuberculose pulmonar, portadora de displasias da mucosa labial e fumante crônica, foi acometida de um volvo de uma alça intestinal, sendo submetida a cirurgia de urgência após muitos dias de dor e com altíssimo risco de vida. Seu cirurgião disse-lhe que não entendia como poderia ter ficado naquele estado por tanto tempo, que sua*

*dor seria tal que provocaria desmaios em qualquer pessoa. A paciente respondeu que "sentia" a dor nos seus detalhes, mas era incapaz de expressa-la verbalmente, isto é, pedir por socorro. Podemos tranquilamente acrescentar: excitava-se com a dor não constituída como mecanismo de defesa. A fixação desvantajosa da libido refere-se a um estado de ser no qual o masoquismo erógeno originário é a condição do sentir-se. A diminuição do estado voluptuoso cria um estado afetivo de vazio descrito por Marty (1966) como depressão essencial (Maldavsky, 1988).*

Assim, para Freud (1924c p 170),

*"O masoquismo erógeno acompanha a libido por todas suas fases de desenvolvimento e delas deriva seus revestimentos psíquicos cambiantes. A angústia de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva, o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora desmentida posteriormente, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio fálico de organização e, da organização genital, surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são característicos da feminilidade".*

Portanto, para Freud, quanto mais processamento psíquico, isto é maior complexidade das organizações libidinais representacionais, maior o masoquismo secundário que é acrescentado ao erógeno original. Quanto maior a capacidade do Eu de processar as pulsões através do psiquismo, menor a sua propensão a reencontrar a situação original do masoquismo erógeno. Freud, em muitas ocasiões, diz da *adesividade* da libido, da *inércia* psíquica, das *resistências do id*, configuradas muitas vezes como *reação terapêutica negativa* (1905d, 1915f, 1918b, 1923b, 1926d, 1937c, 1940a) que nada mais são do que as *dificuldades do Eu de renunciar às formas primitivas de obtenção de prazer*. Assim, o modelo básico do masoquismo é o investimento libidinal numa determinada excitação, quando a mesma ultrapassa um quantum e não estabelece a ação específica com os devidos registros das experiências de dor ou satisfação.

*Os meninos de rua, cheiradores de cola, por várias razões, inclusive sociais, quando com fome e frio, cheiram cola e embriagam o organismo numa excitação. Vimos acima como esta é uma das formas de se lidar com os estímulos dolorosos. Penso que as adições às drogas, com o respectivo investimento libidinal no estímulo tóxico e desatendimento na autoconservação, teriam*



*nesta fixação somática desvantajosa da libido, o seu ponto de apoio.*

Quando, nas situações descritas acima, o paciente se põe a delirar ou a alucinar, penso que não devemos tentar restabelecer o equilíbrio anterior dizendo-lhes que imaginam o que vêm ou ouvem. Devemos, outrossim, dizer-lhes que é mais adequado lutar com um inimigo visível ou audível do que com a silenciosa pulsão de morte que voluptuosamente destrói o Eu num gozo masoquista que não cessa.

*Lembro-me de um paciente adito a cocaína, silencioso portador de artrite reumatóide severa. Passava despercebido pela família nas suas voluptuosidades masoquistas até o momento em que se recusou a entrar dentro de sua casa, pois o sótão da mesma estava invadido por bandidos. Levado para a urgência psiquiátrica, o médico tratava desautorizar a alucinação e o delírio não se dando conta que os mesmos eram pedidos desesperados de socorro em relação aos bandidos silenciosos que de fato ameaçavam sua vida.*

## **O Problema da Qualidade e da Quantidade**

Uma das formas de também examinarmos a questão do masoquismo é sob o prisma do que Freud compreendia como *quantidade* e *qualidade*. A *questão da percepção* do afeto passa necessariamente pelo aspecto qualitativo do mesmo embora, em inúmeras situações, Freud tenha se referido ao aspecto quantitativo. Muito cedo, entretanto, Freud prestou atenção à questão da *qualidade* (1950a). Podemos até falar de uma relação dialética entre *quantidade* e *qualidade*, entre *erogeneidade* e *sensorialidade*, onde um espaço é construído através do outro.

Pribram e Gill, tecendo considerações a respeito da dor e do desprazer, referem que Freud tratou tais fenômenos apenas do ponto de vista quantitativo e que os mesmos, sendo percebidos pela consciência, deveriam ser abordados do ponto de vista qualitativo. Concordo, em parte, com esta advertência, embora desde o "*Projeto de Psicologia*" (1950a), Freud deu atenção as questões da qualidade principalmente em relação à enigmática questão da consciência. Uma interessante citação de Freud, transcrita pelos autores referidos acima (p53), merece nossa atenção exatamente porque pode acrescentar alguns subsídios à especulação que fazemos sobre a questão do masoquismo:

*"A elevação das tensões se sente em geral como desprazer e sua diminuição, como prazer. É provável, entretanto, que o que se sente como prazer ou desprazer não seja a altura 'absoluta' desta tensão, sim algo que tem a ver com o ritmo das mudanças que se produzem nelas"* (Cf. Freud 1924c p 166).

Portanto, deparamos com a dialética citada onde existe uma estreita relação entre quantidade e qualidade. Estes "ritmos" referidos estão diretamente ligados à periodicidade qualitativa e são percebidos pelo sistema da consciência e da atenção. São inúmeros os trabalhos de Freud nos quais *qualidade* e *consciência* aparecem associadas (1950a, 1900a, 1905d, 1915e, 1923b, 1940a, 1940b). Toda a série prazer-desprazer também estaria ligada a estes fatores qualitativos que implicam ritmo, seqüência de mudanças temporais, elevações e quedas na quantidade de estímulos, problemas em torno da magnitude dos mesmos (Freud 1920g, 1924c).

*Admitindo, a hipótese freudiana da incidência de múltiplos ritmos dentro e fora de nós, esboçaremos uma explicação, sobre o tipo de ritmo que é processado no que denominamos do silêncio da pulsão de morte ou do gozo masoquista, especialmente no masoquismo erógeno originário.*

Segundo Freud (1950a), uma das formas do sistema nervoso se livrar das quantidades excessivas de excitação, com fins de restabelecer a constância do referido sistema, seria a transformação das mesmas em qualidades que poderiam chegar ao sistema  $\omega$  na forma de consciência. *A quantidade, porém, jamais poderia ser eliminada de uma maneira completa.* Necessito, aqui, reproduzir o texto freudiano para podermos refletir sobre o mesmo (1950a, secção 7 p 354-5):

*"Resta muito por fazer em matéria de esclarecimento dos aspectos físicos, pois, também aqui, as leis gerais do movimento devem ser aplicadas sem contradição. Agora segue uma outra hipótese: os neurônios  $\omega$  são incapazes de receber a  $Q_n$ , se apossando, entretanto, do período da excitação; esta condição de serem afetados por um período quando admitem apenas uma carga mínima de  $Q_n$  se constitui no fundamento de toda consciência. Também os neurônios  $\psi$  têm desde logo seu período, só que este carece de qualidade ou, melhor dito, é monótono. As derivações deste período psíquico chegam à consciência como qualidades".*

*"A que se devem as diferenças de período? Tudo aponta aos órgãos dos sentidos, cujas qualidades devem estar constituídas justamente por diferentes períodos de movimento neuronal. Portanto, os órgãos dos sentidos não*

*atuam somente como telas de  $Q_n$ , a exemplo de todas terminações nervosas, mas também como filtros, pois só deixam passar estímulos de certos processos com períodos definidos. É provável que transfiram logo sobre  $\phi$  esta condição de diferente, comunicando ao movimento neuronal períodos diferentes de alguma maneira análogos (energia específica); e estas modificações são as que se continuam por  $\phi$ , passando por  $\psi$ , até  $\omega$ , e ali, quase isentas de quantidade, produzem sensações conscientes de qualidade”.*

Pois bem, se os filtros sensoriais que originam a energia específica, cujos períodos são registrados como qualidades diferentes pelo sistema  $\omega$  da consciência, não estiverem acionados, diga-se de passagem, por este encontro projetivo-introjetivo entre o Eu e o mundo externo, o sistema  $\Psi$ , ao qual caberia o registro da memória, ficaria invadido por uma energia cujo período é monótono equivalente à energia recebida das terminações endógenas.

Freud (1900a) refere-se às transformações que sofrem os estímulos somáticos endógenos durante o sono sendo remodelados em forma de espaço e tempo, obedecendo às regras da causalidade. Seria desta maneira que surgem os sonhos. É a esta transformação que corresponderia uma mudança de frequência dos estímulos monótonos endógenos, pois as regras da causalidade psíquica, as formas de espaço e tempo, só podem ser estabelecidas via percepção sensorial da realidade (Cf. Freud 1911b, Bion 1953, 1956, 1957).

*Assim, estamos propondo, que nestes pacientes que padecem de uma fixação desvantajosa da libido, a comunicação privilegia este tipo de periodicidade descrita como “monótona” e que nos traz a impressão que tais pacientes possuem uma parte adormecida dentro de si que necessita ser despertada para poder discriminar qualidades inclusive as mais rudimentares, como as qualidades da série prazer-desprazer (Freud 1911b). Podemos até aventar a hipótese que é a esta periodicidade monótona que se deve a sensação contra-transferencial que tais pacientes nos provocam de excessiva sonolência. Seria um aparelho psíquico invadido por tais elementos indiferenciados o responsável por aquilo que se propõe chamar de pensamento operatório ou sobre-adaptado?*

David Maldavsky (1988), referindo-se a Jacques Lacan, sugere que estas considerações estão de acordo com as propostas deste último

autor sobre o fenômeno psicossomático, isto é, de que na lesão psicossomática ocorre uma indução significativa do sujeito no outro, por um caminho de curto circuito. Tal hipótese encontra-se no seminário XI e tem relação com a idéia de *holofrase* na qual S1 e S2 encontram-se solidificados. Lacan afirma que o corpo deixa-se inscrever por algo que é da ordem do número, que não implica na subjetivação do desejo, e sim num conceito absoluto de gozo. Neste sentido o valor do número diz respeito ao registro de uma freqüência pura. Todas estas idéias partem do achado de Pavlov, nos quais o mesmo efeito reflexo é obtido por vários estímulos desde que a freqüência seja a mesma, portanto é a esta última que devemos o efeito (Cf. Maldavsky, 1988). Quando Freud nos afirma (1911b p 226) que

*"A tendência do nosso aparelho mental em poupar consumo de energia parece encontrar expressão na tenacidade com que nos apegamos às fontes de prazer a nossa disposição e na dificuldade com que a elas renunciamos"*

Podemos facilmente compreender que algo dentro de nós fica permanentemente ligado a esta forma de prazer de curto circuito descrita por Lacan como freqüência pura ou gozo numérico que, do nosso ponto de vista, são outras formas de descrever e avançar na compreensão deste fenômeno de tão difícil acesso que é o masoquismo erógeno originário.

Portanto, para Freud, bem como para inúmeros outros pesquisadores da psicanálise, a formação do Eu implica nesta descontinuidade onde se perde em quantidade e se ganha em qualidade. A erogeneidade expressada como gozo absoluto cede seu lugar para uma sensorialidade onde a subjetivação se faz presente. O masoquismo erógeno originário cede espaço aos "*revestimentos psíquicos cambiantes*" (Freud, 1924c), na medida que os *estímulos endógenos de natureza monótona transformam-se em correntes psíquicas*. Freud (1950a) considera o cérebro primitivo, o sistema  $\Psi$  primitivo, ligado ao interior do corpo como equivalente a um gânglio simpático. Pribram e Gill comprovam esta hipótese na base do conhecimento moderno dos neurohumores (aminas). O processo que determina o aumento progressivo de excitação endógena é denominado por Freud de "*somação*", e o conseqüente enchimento do sistema  $\Psi$  ocasionará uma propensão à descarga, uma urgência que se libera através da via motora (alteração interna) cuja expressão são os gritos e as emoções (Freud, 1950a). Tais descargas por si só são insuficientes para restabelecer a constância do sistema ameaçado em sua *homeostase*. A ação específica se faz necessária com a conquista do

mundo objetal e das vivências de satisfação e dor. Estamos, portanto, diante da memória e conquista da subjetividade.

## Conclusões

Sempre que o assunto do masoquismo me ocorre, lembro-me de duas situações clínicas nas quais a inoperância terapêutica ligada a estas circunstâncias onde prevalece uma fixação extremamente desvantajosa da libido, determina um prognóstico sombrio. Na primeira, descrita um pouco mais acima, um jovem paciente portador de uma severa artrite reumatóide e adicto silencioso à cocaína, é trazido para a emergência psiquiátrica num franco surto psicótico. Nas suas alucinações e delírios acreditava que bandidos haviam invadido o sótão de sua casa e o ameaçavam de morte. O médico tentava de todas formas dissuadi-lo destas impressões dizendo-lhe que imaginava o que via e ouvia. *Pergunto-me se esta situação psicótica não representava um esboço de projeção e subjetivação do paciente, uma tentativa desesperada de lutar contra supostos inimigos externos já que a luta contra a silenciosa pulsão de morte, isto é, o gozo mortal do masoquismo erógeno originário estava por fracassar. Não seria mais pertinente dizer ao paciente ser preferível a luta contra estes supostos inimigos externos do contra a mortal e silenciosa adição?*

A segunda situação clínica por mim lembrada refere-se a uma paciente esquizofrênica internada numa clínica psiquiátrica. Sua médica tentava desesperadamente estabelecer contato com a mesma, embora a paciente permanecesse irreduzível no seu mutismo e isolacionismo. Eis, entretanto, que uma situação externa modificou o quadro descrito. Outra paciente internou-se no mesmo quarto para a referida médica. A paciente esquizofrênica foi tomada de uma fúria na qual destruía objetos, atacava a médica e a equipe que procurava contê-la. Apressadamente a paciente foi narcotizada pela equipe de plantão, retornando ao quadro inicial de mutismo e isolacionismo. *Novamente me pergunto, como desejamos que os pacientes graves estabeleçam suas comunicações conosco? A ruptura deste masoquismo erógeno silencioso implica sempre num alarido de vida, às vezes excessivo para os nossos padrões civilizados e adultos. Quantas vezes nos é impossível tolerar esta quebra narcísica primitiva?*

Pretendo, à guisa desta conclusão, relatar uma terceira situação clínica um tanto quanto estranha que nos coloca diante de determinadas fixações desvantajosas da libido.

*Trata-se de um adulto jovem em análise há anos. Seu funcionamento é essencialmente neurótico e o nível de*

*organização prevalente é fálico-uretral. Além da notável ambição pessoal, apresenta uma rivalidade permanente comigo em nível transferencial. Sua vida decorre com várias conquistas de mulheres com as quais tenta se superar como homem, dar o melhor de si para a eventual amante para que esta jamais o esqueça. Diagnosticamos assim um narcisismo fálico-uretral acentuado. Apresenta um desejo compulsivo interessante: ter relações sexuais com mulheres grávidas. Neste momento o seu esforço sexual seria supremo e, inconscientemente, haveria um duplo triunfo: sobre o pai da criança e sobre a criança em si. Podemos intuir a realização de uma profunda fantasia de retorno ao ventre materno fusionado com a mãe (Freud, 1918b). Trata-se do irmão mais velho de uma prole de oito irmãos e não se lembra de forma nenhuma de sua mãe grávida. Apresentava apenas um sintoma que poderíamos qualificar como psicossomático: herpes labial nos momentos de maior tensão.*

*Com o evoluir da análise, progressivamente mais capaz de me tolerar dentro de si sem se sentir castrado e humilhado, casou-se e, após algum tempo, sua esposa engravidou. Apareceu então uma neurose fóbica típica do seu caráter fálico-uretral: não conseguia aproximar-se da mulher grávida, tocar seu ventre, ficou completamente impotente com a mulher, buscava insistentemente outras mulheres e angustiava-se muito, pois não conseguia amar a esposa grávida de seu filho. Imaginava que este último seria uma menina, pois somente concebia dentro de si nomes femininos. Durante esta gravidez desenvolveu um sintoma psicossomático muito interessante: Ginecomastia, primeiramente de um lado e depois em ambas mamas. É exatamente para este ponto que converge a nossa atenção, pois penso que aqui apareceu a forma de expressão desta fixação libidinal desvantajosa que atesta o testemunho do masoquismo erógeno originário, embora o paciente desejava expulsá-lo ardentemente de dentro de si sem consentir na compreensão que tal sintoma pudesse significar a realização de uma fantasia de desejo de retorno ao ventre materno. O paciente comportou-se diante do sintoma com verdadeiro pavor tentando de todas maneiras expulsá-lo como se fosse uma dor de dentes, não se dando conta que a maneira mais eficaz de processamento seria introduzi-lo dentro da cadeia de significantes desfazendo a holofrase criada.*

Penso ser este último sintoma descrito puramente psicossomático, pois nada de conversivo fora apresentado: sonolência, náuseas, vômitos, indisposição para o trabalho, etc. Pelo contrário, mesmo o que caracterizaríamos como sublimação dos seus aspectos femininos, foi por

ele violentamente rejeitado, embora se dispusesse "conscientemente" a cuidar da mulher e do filho e sofresse por não consegui-lo. Baseio-me nas descrições sobre os processos identificatórios que os históricos fazem (Freud, 1896b, 1896c, 1895d, 1900a, Ferenczi, 1909). Segundo este último autor, o paciente histórico apropria-se de sintomas ou de características de uma pessoa, com a qual se identifica inconscientemente sobre a base de uma explicação causal idêntica.

Assim, não havia esta identificação causal inconsciente do paciente com sua esposa. Ocorria, sim, que, além da neurose fóbica aparecida num caráter fálico uretral durante a gestação, *uma identificação, se é que podemos usar este termo, somática*. Quero com isto dizer que os mesmos estímulos capazes de fazer com que sua esposa secretasse hormônios incidiram sobre o paciente e este produziu a ginecomastia. Segundo vimos, estes estímulos teriam uma periodicidade "monótona" intrassomática e a esposa funcionava como se fosse um órgão projetado do paciente. Este viveu a situação descrita como incapaz de ser simbolicamente processada dentro do seu psiquismo. Com a evolução da gravidez, puerpério e lactação, progressivamente a ginecomastia involuiu, podendo o paciente adquirir uma identificação secundária satisfatória dos seus aspectos femininos.

Certamente para descrevermos o masoquismo encontraríamos situações de bem maior patologia. Penso que a importância deste exemplo reside no fato de avistarmos a regressão da libido para pontos de fixação tão precoces como os concernentes ao masoquismo erógeno originário que habita dentro de nós como

*"O testemunho e resto daquela fase de formação em que aconteceu o enlace, tão importante para a vida, entre Eros e pulsão de morte"* (Freud, 1924c p170).

Atrevo-me a supor que este pequeno ensaio possa ser útil para pensarmos o "*enigmático problema do masoquismo*" (Freud, 1920g p 14).

## **Referências bibliográficas**

1. BION, W.R. (1953). Notas sobre a teoria da esquizofrenia. In: Estudos Psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
2. BION, W.R. (1956). Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico. In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro, 1987.

- 3, BION.W. R. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e personalidade não psicótica. In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro, 1987.
4. FERRATER MORA, J. Dicionário de filosofia. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
5. FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. In: Escritos psicanalíticos. Rio de Janeiro, Taurus, s.d.
6. FREUD, S. Y BREUER, J. (1895d). Estudios sobre la histeria. In: Sigmund Freud, Obras completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 19.
7. FREUD, S. (1896c). La etiología de la histeria. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 3.
8. FREUD, S. (1986b). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 3.
9. FREUD, S. (1900a). La interpretación de los sueños. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.4-5
10. FREUD, S. (1905d). Tres ensayos de la roería sexual. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.7.
11. FREUD, S. (1911b). Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 12.
12. FREUD, S.(1915c). Pulsiones y destinos de pulsión. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 14.
13. FREUD, S. (1915f). Un caso de paranoia que contradice la teoría psicoanalítica. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 14.
14. FREUD, S. (1917d). Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 14.
15. FREUD, S. (1918b). De la historia de una neurosis infantil (el "Hombre de los Lobos"). In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 17.
16. FREUD, S. (1919e). "Pegan a um niño". Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 17.
17. FREUD, S. (1920g). Más allá del principio de placer. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 18
18. FREUD, S. (1923b). El yo y el ello. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 19.



19. FREUD, S. (1924c) El problema económico del masoquismo. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.19.
20. FREUD, S. (1926d) Inhibición, síntoma y angustia. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.20.
21. FREUD, S. (1937c). Análisis terminable e interminable. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 23.
22. FREUD, S. (1940a). Esquema del psicoanálisis. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 23.
23. FREUD, S. (1940b). Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 23.
24. FREUD, S. (1950a p 323-465). Proyecto de psicología. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 1.
25. FREUD, S. (1950a p239-46). Manuscrito G. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 1.
26. GAARDER, J. O Mundo de Sofia. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
27. GUYTON, C. Anatomia e fisiologia do sistema nervoso. Rio de Janeiro, Interamericana, 1977.
28. MACHADO, R. Rapsódia de agosto: uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional. Trabalho inédito a ser publicado pela revista de psicanálise da SPPA.
29. MALDAVSKY, D. Linajes Abúlicos-Procesos tóxicos y traumáticos en estructuras vinculares. Buenos Aires, Paidós. 1996.
30. MALDAVSKY, D. Estructuras narcisistas-Constitución y transformaciones. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1986.
31. MALDAVSKY, D. Psicossomáticas: Estructura preconciente y ensambladura defensiva. Rev. De Psicoanálisis, Buenos Aires, XLV: 1046-92, 1988.
32. MARTY, P & M'UZAN, M. (1963). El pensamiento operatorio. Rev. De Psicoanálisis, XV: 711-21, 1983.
33. PRIBRAM, K. & GILL, M. El proyecto de Freud. Buenos Aires, Marymar, 1977.
34. STRACHEY, J. Introdução ao trabalho de S. Freud: El problema económico del masoquismo. In: Sigmund Freud, Obras completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 19.